
TECNOPÓLIO E CONTROLE DO SER SOCIAL

TECHNOPOLY AND CONTROL OF THE SOCIAL BEING

TECNOPOLIO Y CONTROL DEL SER SOCIAL

Everton Henrique Eleutério Fargoni¹Mayna Zacarias²William Augusto Vicente³**RESUMO**

Neste artigo ponderamos sobre questões pertinentes que estruturam a sociedade civil que cada vez mais está aparelhada e monopolizada por tecnologias provenientes da tecnociência. O elemento principal desta discussão é o tecnopólio, conceito pouco explorado no circuito científico e no caso brasileiro aparece como uma das contradições que reverberam nos âmbitos político, educacional e social. Tal conceito, tem poder de mudar realidades, não de forma emancipadora, mas de influência, tendo como alvo central o ser social, o trabalhador alienado que reproduz ideologias e inverdades acriticamente. Neste contexto, o objetivo do artigo é elucidar como o monopólio por meio das tecnologias está acontecendo e como essa circunstância de domínio se constitui e reverbera na sociedade civil. Para isso, refletiremos sobre alguns assuntos temáticos, tais como alienação, escolarização, *fake news*, ciência e tecnociência.

PALAVRAS-CHAVE: Alienação. Educação. Fake News. Tecnociência. Tecnopólio.**ABSTRACT**

In this article we ponder on pertinent questions that structure the civil society that is increasingly equipped and monopolized by technologies from technoscience. The main element of this discussion is technopoly, a concept little explored in the scientific circuit, and in the Brazilian case it appears as one of the contradictions that reverberate in the political, educational and social spheres. This concept, has the power to change realities, not in an emancipating way, but through influence, having as its central target the social being, the alienated worker who uncritically reproduces ideologies and untruths. In this context, the objective of this article is to elucidate how technologies monopoly happens and how this circumstance of domination is constituted and has repercussions in civil society. To do so, we will reflect on some thematic issues, such as alienation, schooling, fake news, science and technoscience.

KEYWORDS: Alienation. Education. Fake News. Technoscience. Technopoly.

Submetido em: 14/06/2022 – **Aceito em:** 24/08/2022 – **Publicado em:** 14/03/2023

¹ Doutorado em Educação, Mestre em Educação e Pedagogo pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7536-9126> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6279752130688091> E-mail: evertonfargoni@gmail.com

² Doutoranda em Educação, Mestra e Pedagoga pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1675-7131> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6174681648256545> E-mail: maynazacarias1@gmail.com

³ Licenciando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8204-4020> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3950501758925531> E-mail: william.a.vicente@gmail.com

RESUMEN

En este artículo reflexionamos sobre cuestiones relevantes que estructuran la sociedad civil cada vez más equipada y monopolizada por las tecnologías de la tecnociencia. El elemento principal de esta discusión es el tecnopolo, un concepto poco explorado en el circuito científico y que en el caso brasileño aparece como una de las contradicciones que reverberan en las esferas política, educativa y social. Este concepto, tiene el poder de cambiar las realidades, no de forma emancipadora, sino a través de la influencia, teniendo como objetivo central el ser social, el trabajador alienado que reproduce acríticamente las ideologías y las falsedades. En este contexto, el objetivo del artículo es dilucidar cómo se produce el monopolio a través de las tecnologías y cómo esta circunstancia de dominación se constituye y repercute en la sociedad civil. Para ello, reflexionaremos sobre algunas cuestiones temáticas, como la alienación, la escolarización, las fake news, la ciencia y la tecnociencia.

PALABRAS CLAVE: Alienación. Educación. Fake News. Tecnociencia. Tecnopolo.

INTRODUÇÃO

Século XXI, tempo de avanços tecnológicos em cada fração de tempo do cotidiano humano, bilhões de pessoas conectadas com a realidade e desconectadas da mesma realidade. Esse ciberespaço é caracterizado por algoritmos cada vez mais aprimorados com técnicas que integram fundamentos da psicologia, educação e filosofia. Áreas que outrora resumiam-se em desenvolvimento de estudos, teorias e teses no campo acadêmico ou por meio de intelectuais como reflexão da vida humana, passaram a serem atribuídas em códigos digitais como fonte de operações para atender principalmente um novo ser mitológico, o mercado.

Não é ficção dizer que há um novo mito, mesmo sendo da realidade que se extrai os estudos na contemporaneidade. Por exemplo, um autor que não é acadêmico entendeu melhor os novos mitos em vez de pesquisadores que alienadamente reproduzem prognoses sem questioná-las. O escritor britânico Neil Gaiman criou um universo ficcional com base na realidade capitalista e tecnológica dos séculos XX e XXI. A obra intitulada *Deuses Americanos* é uma leitura do cotidiano humano contemporâneo mais fiel com a realidade da transição desses dois séculos em vez da clássica obra cinematográfica de Ridley Scott, *Blade Runner*.

O produto de Ridley corresponde a um universo ficcional no ano de 2019 com a decadência da sociedade civil capitalista num microcosmo cibernético. Este produto agradou milhões de pessoas que imaginam um mundo *cyberpunk*⁴ como consequência da devastação da natureza do planeta Terra e exploração espacial na busca de novos combustíveis para abastecer as novas e altas tecnologias. No entanto, Gaiman olhou para conjunturas. Enxergou em legiões de pessoas, vontades e enaltecimentos de coisas que não são concretas, mas ideias que contribuem para estruturação de nações e realidades.

⁴ Mundo alternativo da ficção científica em que se predomina a vida por meio de alta tecnologia. Muitos elementos formam a cultura cyberpunk, como a estética da mistura robótica no vestuário humano e adaptações tecnológicas em membros e órgãos humanos.

Na ficção de Gaiman não há andróides como nas obras de Ridley Scott, Isaac Asimov e Alex Garland, existem mitos, melhor dizendo, novos deuses. Deuses como a mídia e a tecnologia. Novas divindades que estão absorvendo mais “fiéis” que deuses antigos e reproduzindo entre si, talvez, uma nova forma de alienação, diferente, mas não desconforme com o que Marx (1989, p. 194) chamou de “fetichização pelo consumo” pois, para Marx, o trabalho é o fator principal de alienação do ser social, o que não é diferente no século atual, a diferença está no consumo. Trabalhar para sobreviver, trabalhar para consumir.

Este é um caso que mais do que expandiu no século 21. A alienação, tal como Marx expressou em sua época é proveniente da ontologia do ser social na formação deste mesmo ser. Em síntese, para Marx (1985; 1989) a alienação é a condição do ser humano, por meio de suas experiências ontológicas e empíricas, em não abstrair os sentidos concretos do cotidiano. No entanto, a alienação no presente século claramente se tornou ferramenta integrante das tecnologias. O conceito abstraído como prática é uma atualização de seu sentido, mas não sua ressignificação, pois capitalistas entendem que para manter hegemonia precisa conter questões emancipatórias e Marx (1989) racionalizou que isto é inerente do capitalismo.

Sob outro olhar, como base a leitura de sociedade capitalista contemporânea de Gaiman, podemos dizer que há outro mito nesse mundo real, o mercado, algo que regularia os preços dos produtos e justificaria o consumo das pessoas pelo que elas precisam e/ou gostariam de ter. Este termo existe, o conceito também. O mercado está nas discussões econômicas, nas pautas políticas, nos debates acadêmicos e no diálogo comum das pessoas no dia a dia. Mas esse mercado não existe, não é o mesmo mercado ou loja de produtos perecíveis que o ser social compra seus alimentos, esse mercado é algo, uma coisa que busca vantagem, prevalência e orientar Estados-Nações.

Se nos orientarmos pelo pensamento de Marx, esse mercado não existe, não é concreto, é obra ou ideia de capitalistas para buscarem lucro em cada lacuna da sociedade civil, não importa a conjuntura. Não importa se pessoas perderão lares, se humanos morrerão ou se golpes de Estado acontecerem. O mercado exige evolução e, sobretudo, das tecnologias. Nesse sentido, Postman (1994) esclarece a existência de uma nova cultura que nos ajuda a entender o movimento que teve início na segunda metade do século XX e tem no século XXI seu avanço e predominância amalgamada com a ideia de mercado, o tecnopólio.

Para Postman (1994), tecnopólio é um estado de cultura. É uma ampla circunstância que abrange dogmas, misticismos, educação, técnicas, políticas e, sobretudo, interesses, mediante a descentralização humana do ser social no encontro do sentido da vida na tecnologia. Enquanto para Gaiman, em sua ficção, a deusa mídia ou o semideus tecnologia são criações humanas,

nasceram do cotidiano alienado das pessoas que buscam conforto mental por meio do entretenimento digital e na fantasia proporcionada pelo mundo tecnológico. Entre universos textuais, para Postman, a cibercultura é legítima, existe e compõe-se como instrumento factual do tecnopólio.

Nesse sentido, as importantes áreas que supramencionamos – psicologia, educação e filosofia – estão sendo transformadas em algoritmos. Muitos produtos de inovação e solução para problemas sociais e globais são feitos com base nas teorias desses três campos, pois a amálgama da tecnologia com as ciências humanas e ciências da saúde ajudam no desenvolvimento de tratamentos de problemas psicomotores, tal como corroboram para avanço de técnicas de aprendizagem entre outros multitrabalhos. O potencial de contribuição é grande e é mostrado pelos portais de notícias, revistas científicas, blogs e vários meios de socialização do conhecimento. No entanto, na conjuntura global de tecnopólio, as técnicas da psicologia também estão a serviço do capitalismo, bem como os fundamentais educacionais foram incorporados ao “mercado” como um produto consumível.

As técnicas, teorias e teses científicas não estão nos catálogos de grandes conglomerados internacionais na forma de fórmulas ou conceitos que aparecem nos artigos e congressos, mas como mercadorias e inteligências artificiais que orientam o ser social a consumir e reproduzir sem estranhamento ou reflexão aquilo que quem financia os produtos tecnológicos querem. Isto é tecnopólio. Há influência econômica e política no organismo do tecnopólio, por conseguinte, investida científica, modificando hábitos humanos, visões de mundo e valores tradicionais.

[...] as novas tecnologias mudam aquilo que entendemos como “conhecimento” e “verdade”; elas alteram hábitos de pensamento profundamente enraizados, que dão a uma cultura seu senso de como é o mundo – um senso do que é a ordem natural das coisas, do que é sensato, do que é necessário, do que é inevitável, do que é real (POSTMAN, 1994, p. 22).

Conforme expôs Postman, com o tecnopólio é possível alterar os sentidos de muitas coisas e eventualmente mudar o que é real na sociedade civil. Tendo como risco a desorientação informacional das pessoas, minando o comportamento do ser social impondo a necessidade constante do consumo tecnológico, ao mesmo tempo que rende este ser para conteúdos otimizados por algoritmos, sufocando-o com ideologias fragmentadas por pseudointelectuais e revisionismo histórico.

Este é o caso, por exemplo, do Brasil, espaço fértil do tecnopólio em muitos sentidos: na política, na mídia, na ciência, no trabalho, na economia entre outros muitos campos que compõem a estrutura societal onde o ser social brasileiro vive e constantemente aliena-se. Por isso, começamos este texto com a analogia do “deus mercado” na ideia ficcional de Gaiman e trouxemos para a tecnocracia factual de Postman por meio do tecnopólio. Existem mudanças

no sentido das coisas na sociedade civil, efetuadas por robôs digitais que foram programados para servir interesses políticos. Isto é, o tecnopólio ajuda suprimir verdades e produzir embates que desviam atenção do ser social do debate necessário.

É neste conjunto de elementos que este artigo é composto – o tecnopólio como controle do ser social. Usaremos algumas questões conjunturais do Brasil e do mundo no século XXI para debater e exemplificar o que chamamos de tecnopólio, com o objetivo de elucidar como essa circunstância de domínio se constitui e como reverbera na sociedade civil, ponderando sobre alguns assuntos temáticos como ciência, educação e política.

ALIENAÇÃO POR MEIO DE MONOPÓLIO TECNOLÓGICO

Com base na definição do conceito de tecnopólio na obra de Postman (1994), avançaremos sobre sua caracterização por meio de novos elementos mais atuais no século XXI, principalmente sobre as mudanças tecnológicas vistas entre os anos 2010 e 2022. Este recorte histórico nos possibilita analisar por meio de duas categorias (algoritmos e consequências sociais) como o tecnopólio se expandiu e modifica a sociedade.

Os algoritmos, provenientes de estudos matemáticos e da ciência da computação, são sequências finitas de ações executáveis que produzem determinadas ações. No contexto de tecnopólio tornaram-se fórmulas de gerar dinheiro e controle social. Nossa crítica não decai sobre o uso desses códigos computacionais para elaboração de softwares e produtos como soluções para educação, saúde, segurança entre outras áreas cruciais. As tecnologias são também dicotômicas, enquanto seguem em progresso por cientistas para resolução de problemas globais, também contribuem na produção de novas situações-problemas.

Amaral e Dias (2020, p. 411) esclareceram que por meio dos novos algoritmos foi possível o gerenciamento de dados e manipulação de informações a serviço da burguesia. Nota-se esse efeito conjuntural por meio do capitalismo tecnológico que se expande e faz controle biopolítico⁵ das pessoas no circuito de consumo de produtos de alta tecnologia, físicos ou virtuais. Isso ocorre por meio estratégico, proveniente do controle de grandes corporações mundiais ao exigirem que programadores desenvolvam novas inteligências artificiais através de algoritmos para reter pessoas cada vez mais tempo conectadas consumindo seus produtos.

Os maiores exemplos atuais são as redes sociais *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Tik Tok*. Todos esses serviços são gratuitos para o consumidor final, mas repare nos termos “serviços” e “consumidor” podem ser atribuídos mesmo sendo plataformas consideradas gratuitas, mas a

⁵ (Cf. FOUCAULT, 2008)

conexão do ser social com essas redes depende de internet de alta velocidade, um dispositivo conectado (celular, laptop, tablet, computador e tecnologias vestíveis, como o relógio inteligente). Ou seja, existem custos e o ser social precisa ter capital para comprar os aparelhos para consumir as mídias sociais.

Nessa direção, retomamos Marx para entender como o trabalho é vital nesse processo. Para Marx (1985) o ser social trabalhador não é capitalista, é consumidor, não detém os meios de produção, portanto, precisa dedicar um número considerável de horas do seu dia trabalhando para gerar capital, uma renda suficiente para sua sobrevivência e também consumo supérfluo. O trabalhador de base nas fábricas são o exemplo ideal para entendermos como o tecnopólio funciona. O ser social realiza o trabalho material, orgânico com a natureza ou peças tecnológicas. Na linha de produção realiza com esforço físico movimentos para complementar a produção de uma determinada mercadoria, produto, o qual há grande possibilidade de não ser consumida pelo trabalhador que ajudou produzir tal mercadoria.

Nesse percurso laboral, o ser social registra no ponto eletrônico sua entrada e saída, se alimenta com mercadorias industrializadas que estão contidas em máquinas que são criptografadas com algoritmos e vivem diante tecnologias que não sabem como foram produzidas. Este é um processo de alienação pelo trabalho que tem como uma das fontes de controle a tecnologia. O ser social trabalhador não sabe a origem da matéria-prima do produto com que trabalha, não consome o produto que produz, não entende como funciona e fora do expediente do trabalho permanece alienado por meio do consumo contínuo de redes sociais que tem na retaguarda criptográfica, algoritmos que forjam seu comportamento, sequestrando a subjetividade do ser social.

O fato peculiar nesse processo se encontra na alienação do trabalho onde a ideologia gerencialista força o indivíduo a assumir, como seu, os ideais de produtividade da organização, numa captura do ser social como submisso à organização (PAGÈS et. al., 1993) na busca “mortífera” pelo alto “desempenho” (GAULEJAC, 2007, p.37-38). Tudo isso sob a lógica do tecnopólio que contém como serviço o trabalho imaterial de pesquisadores e cientistas da computação que criam os algoritmos que, conseqüentemente, irão fazer parte do controle do trabalhador, ou seja, um trabalhador intelectual alienado, produz material tecnológico para controlar o trabalhador de base também alienado.

Esse trabalho intelectual por meio de cientistas para o capital podemos chamar de tecnociência, termo que segundo Fargoni e Silva Jr (2020) corresponde no exaurir da ciência de sua razão originária. Isto significa que a tecnociência serve a ciência para o tecnopólio no controle do ser social, como um contrato social às avessas, convertendo a ciência à serviço do capital. Isso ocorre enquanto é desenvolvido novas mercadorias tecnológicas e códigos computacionais para

que se forje o interesse das pessoas e suas subjetividades sejam constantemente manipuladas. Este é o caso dos fundamentos da psicologia integrados às tecnologias e os algoritmos criados para atrair clientes produzindo serotonina e dopamina, neurotransmissores responsáveis por produzir felicidade, regulação do humor, controle de estresse entre outras funções, ou seja, os algoritmos no tecnopólio funcionam também como controle biológico humano.

Destarte, é notável como no tecnopólio existe muita potência de controle do ser social e na realidade de cibercultura este poder só aumenta, pois destrói anos de aprendizagem do ser social e a escola como espaço de emancipação tem como rival uma máquina de desinformação milionária que infiltra no trabalho do indivíduo, no lazer e, por conseguinte, nas decisões de um humano alienado que se sensibiliza por causas irreais e viralizadas por robôs, negando questões fundamentais para o progresso de si e seus pares.

DESINFORMAÇÃO

No epicentro do tecnopólio existem diversos elementos que o compõe e formam o ideal abstrato de poder com uso das tecnologias. Um dos mais perigosos e atuais é a propagação das *Fake News*. Como tradução literal, as notícias falsas são alastradas principalmente por robôs digitais que integram o tecnopólio para influenciar a opinião pública, promovendo caos sociais em diversas nações. No Brasil, temos como caso análogo a permanência de usuários não identificados nas redes sociais gerando publicações e comentários minuto a minuto nas principais plataformas sociais repetindo apoio a políticos e questões ideológicas. Isso é conduzido por meio de algoritmos criados para forçar o impulsionamento de postagens por viés política, criando no ciberespaço o controle do usuário ao aproximar conteúdos mais vistos pelos mesmos.

Nesse sentido, quando um usuário lê uma notícia falsa e busca por mais informações sobre o conteúdo falso e reproduz a inverdade, mais desinformações serão exibidas ao ser social, gerando uma bola de neve de conteúdo adulterado e falsificado. Esses conteúdos são dificilmente controlados e, uma vez viralizado e compartilhado por milhares de pessoas, até que o assunto seja corrigido e compreendido pela sua real ideia, a referência falsa tornou-se verdade para um montante enorme de pessoas.

Epistemologicamente, a verdade possui existência vinculada ao coletivo social, pois depende da confirmação feita por pares para ter sua afirmação validada. A partir do momento de sua divulgação em larga escala, ela começa a exercer influência sobre diversas formas de arranjos instituídos em uma sociedade civil. Isso significa, que a verdade se torna como tal apenas por meio de um trabalho de investigação e racionalização humana, baseado em evidências comprováveis por outras racionalidades além daquela pertencente ao seu gerador (ARENDRT,

1995). Servindo, portanto, como base para muitas determinações no âmbito de uma política democrática, é de interesse de uma demagogia totalitarista estruturar meios para questionar as verdades inconvenientes ao seu plano de governo. Assim sendo, a melhor força para combater essa organização consiste no investimento ao antagonismo da verdade, isto é, a mentira.

Contudo, a verdade consolidada não é tão frágil, a ponto de uma simples afirmação contrária à sua proposição, ou mesmo sua negação, sejam meios suficientes para modificar um modus operandi estabelecido. Para obter êxito, a falsificação precisa trabalhar a própria forma do estabelecimento do ser social e por meio do tecnopólio digital nas redes sociais, capitalistas sabem e exigem de programadores para criarem algoritmos sobre o ponto fragilizado, a fim de modificar o meio de comunicação a se usar, buscando, com isso, a melhor eficiência na transformação do consciente coletivo. É nesta cota do tecnopólio em que as *fake news* tornam-se ferramentas eficientes para propagar informações a favor de interesses específicos, porque manipulam a compreensão do cotidiano das massas, principalmente aqueles com deficiência na capacidade de interpretar informações, os analfabetos funcionais⁶.

Por meio das tecnologias de informação mais acessadas pelo ser social, prevalece pelo tecnopólio⁷ o uso das plataformas sociais e outros aplicativos como Whatsapp e YouTube para divulgação de informações falsas, sendo a maioria de cunho ideológico, na expectativa de aumentarem sua base de apoiadores e adquirirem cada vez mais poder. Por isso, é importante ressaltarmos que o tecnopólio não é criação de cientistas ou pesquisadores, mas uma força de controle cultural e societal por meio de financiadores do capitalismo radical no século XXI, resultante no neoliberalismo regulador de estados e nações.

Ultrapassando as simplificações ideológicas no imperativo na qual as nações e suas políticas nacionais não conseguem mais regular a economia que se globalizou, o Estado-Nação, independentemente da posição financeira no mercado global, se vê entregue nas propriedades de políticas corporativas e os aparelhos do Estado que outrora se regulavam por políticas públicas em face das decisões de seus líderes passaram a serem reféns do movimento mercantil que explora os recursos naturais e a manufatura ao máximo. Como consequência, nações tornam-se servis de corporações mundiais e a produção de conhecimento nas universidades, em nível planetário, estão mais céleres sob a lógica do capital improdutivo. (SILVA JR; FARGONI, 2019, p. 48).

Por meio da retórica estrategicamente voltada para convencer o público alvo, somada com formas artísticas de manipulação de imagem, os líderes que “patrocinam” o tecnopólio

⁶ Analfabetismo funcional corresponde a incapacidade que um indivíduo demonstra ao não compreender textos simples e conceitos básicos. Não é considerado uma doença, porém ocorre deficiência de aprendizagem no processo de escolarização ou não interesse da pessoa em compreender textos, conceitos e fórmulas.

⁷ Fake news sobre candidatos inundam redes sociais em período eleitoral. VALENTE, J. **Agência Brasil**, 06 out. 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-10/um-dia-da-eleicao-fake-news-sobre-candidatos-inundam-redes-sociais>> Acesso em: 03 jun. 2022

disfarçam a informação como se fosse uma verdade fundamentada e confirmada por entidades confiáveis. Além disso, a própria configuração social é tornada um objeto de investigação para se obter êxito na alienação, pois a capacidade de propagação de uma ideologia deve ser alinhada com a forma de compreensão dos indivíduos para os quais são direcionadas.

Alguns estados socioemocionais, contudo, tornam a capacidade de aceitação de informações falsas mais possíveis de acontecerem, pois o indivíduo experimenta um descontentamento que o torna suscetível a crença em afirmações que se alinhem com a sua vontade pessoal.

Orientado pela constante busca da felicidade originária pelo princípio do prazer, Freud (2010) afirmou que o ser humano busca satisfazer suas necessidades constantemente. Com esse propósito, ele busca articular as situações que possam constituir qualquer forma de ameaça a esse objetivo. Dessa forma, os seres humanos, tendo em vista essa fatualidade, procuram formas plausíveis de alcançar a felicidade – seja moderando os ideais de felicidade, orientando a supressão do próprio sentimento derivado do princípio do prazer, ou mesmo buscando evitar aquilo que possa lhes causar o inverso desse sentimento, isto é, o desprazer.

Nesse sentido, a existência de uma perturbação socioemocional do sujeito é um ponto de apoio explorado por demagogos que controlam as plataformas digitais populares, visando a manipulação das massas por meio de mecanismos psicológicos. Formulam falsas informações que enaltecem os sentidos mais primitivos dos seres humanos e produzindo a identificação com uma ideia central, consistindo na forma de projeção do eu ideal no coletivo propagandista (ADORNO, 2006). Assim, o demagogo se torna a figura personificada do id do sujeito que, ao ter suas paixões primitivas despertadas pelo discurso, e este estar amparado por uma pressão da cultura frustrante, se torna o modelo de “eu” ideal, o objeto perfeito que é amado e se deseja obter para suprir as imperfeições da própria existência.

Destacamos, contudo, que a formação do sujeito social é de caráter singular, de maneira que um indivíduo não é exatamente igual ao outro. Um influenciador digital consegue propagar suas ideias a ponto de conquistar o apoio de uma grande comunidade, na política um líder populista pode constituir uma força de governo, baseado no discurso no incomodo que seja intenso e comum a outros conscientes e o tecnopólio serve para isso, a palavra aplicada no sensorio humano através do celular ou no rádio de um metrô tem a potência de salvar ou sacrificar uma vida.

Identificamos exemplos disso na história geopolítica do mundo, como a evidência da manipulação da imagem judaica feita por Adolf Hitler e Joseph Goebbels. De acordo com Lemmons (1994), Goebbels, ministro da propaganda de Hitler, elaborou mentiras a respeito dos judeus e veiculou-as em periódicos nazistas, intencionando despertar a simpatia dos

alemães frustrados com a crise política da época. Este é o exemplo maior do ditado popular sobre uma mentira contada muitas vezes se torna uma verdade.

Para tanto, Goebbels manipulou informações sobre a classe burguesa judaica, de modo a culpá-los pelos problemas que a Alemanha estava enfrentando, como se eles fossem os responsáveis diretos do caos germânico. Este artifício cativou uma parte mais fragilizada da população alemã, constituída principalmente de jovens trabalhadores, e gradativamente instituir uma ideologia antissemita. Como exemplos, podemos citar afirmações como o complô judeu para exterminar os costumes alemães, obrigando a rendição da nação aos costumes considerados estrangeiros. Outro consistia em afirmar que a população judaica era a responsável por espalhar doenças, sendo, nesse sentido, seres imundos, a ponto de serem observados como seres inferiores aos humanos.

Como podemos observar que a ideia das *fake news* não é inédita, foi usada por líderes com seus fanatismos ideológicos, ainda que o desenvolvimento dos meios de comunicação fora evoluído de encontro a sociedade civil. Atualmente, em segundos, uma publicação pode alcançar qualquer território global que esteja conectada à internet; isso, somado a crise mundial devido aos efeitos da pandemia causada pela Covid-19, acentua a possibilidade de criação do fenômeno negacionista: uma racionalidade (absurda) que rejeita fatos da realidade em vista de uma ideologia maior.

De acordo com Neto (2009), esse fenômeno conceitualizou-se no período pós segunda guerra mundial, significando o efeito originado das mentiras popularizadas a respeito dos acontecimentos durante o conflito. O objetivo era modificar a compreensão histórica do que havia acontecido, operando um revisionismo histórico a favor das partes perdedoras, isto é, os apoiadores ao nazifascismo da época.

Ao socializarem *fake news* de maneira articulada, os negacionistas criam um sistema de mentiras apensadas cuidadosamente para provocarem efeitos positivos a seu respeito e, com isso, solidificar uma compreensão deficitária sobre a realidade. Sob tecnopólio de algoritmos que forcem a repetição e propagação de inverdades, os indivíduos adeptos aos ideais inconcludentes, por sua vez, tornam-se eixos de disseminação dessas informações, pois acreditam ser necessário enfrentar a injustiça sofrida pelo grupo. Logo, uma *fake news* termina por envolver milhões de pessoas⁸. Por vezes, são notícias engrandecendo a imagem do grupo informando a respeito de acontecimentos popularmente aceitos como virtuosos e benéficos para todos, ou tecendo críticas a qualquer forma de oposição sem qualquer respaldo verídico.

⁸ A máquina de 'fake news' nos grupos a favor de Bolsonaro no WhatsApp. BENITES, A. **El País**, 28 set. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html> Acesso em: 04 jun. 2022.

Essa máquina de divulgação de mentiras possui uma estrutura tão ampla, que envolve até mesmo questões econômicas para conquistar seus objetivos sociais. Exemplo disso pode ser observado no esquema de publicidade organizado por uma empresa russa⁹, estruturado para difamação de um dos imunizantes disponíveis contra o vírus da Covid-19. Uma agência tentou contratar influenciadores digitais para promover uma falsa afirmação sobre uma das vacinas: alegando que a mesma possuía um potencial de mortalidade três vezes maior em comparação a de outra farmacêutica. O objetivo suspeito foi de propagandear a qualidade superior da vacina produzida pelo país de origem da agência, a *Sputnik V* da Rússia.

Outro exemplo notório do tecnopólio como controle da opinião pública está no “gabinete do ódio”¹⁰. Formado por uma base de assessores que apoiam Jair Bolsonaro, chefe de estado brasileiro no ano de 2022, tendo como controlador de divulgação digital um dos filhos do presidente, o vereador do Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro, o grupo é responsável por um sistema de divulgação em massa de informações falsas em vista de favorecer o atual governo e atacar seus adversários. Segundo investigações da Polícia Federal (PF)¹¹, foram identificados diversos movimentos e casos de desinformação em massa ligados aos integrantes do grupo, operando nas redes sociais na manipulação de informações contra a oposição. Observou-se, também, a existência de um método coordenado de produção de conteúdo, voltado para causar a impressão de veracidade nas *fake news* espalhadas.

De acordo com Diethelm e McKee (2009), os negacionistas desenvolvem suas mentiras dentro de cinco categorias diferentes de falsificação. A primeira delas é constituída pela suposta identificação de teorias conspiratórias – caracterizando as afirmações de opositores como apenas uma forma de ofensiva contra o grupo, carecendo de uma metodologia confiável para confirmação da veracidade. A segunda é constituída pela utilização de pseudointelectuais, intencionando conferir um valor de autoridade e legitimidade nos argumentos a favor das ideias. A terceira é caracterizada pelo ato de recortar registros dos fatos, realçando partes isoladas que supostamente sustentam suas afirmações. A quarta consiste na criação de hipóteses hiperbólicas em relação à verificação de uma evidência, procurando encontrar possíveis falhas lógicas que possam ser usadas a favor da ideologia. E a quinta, e talvez uma das mais comuns,

⁹ Agência tentou contratar youtubers para desacreditar vacinas contra covid. **Exame**, 26 jul. 2021. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/agencia-tentou-contratar-youtubers-para-desacreditar-vacinas-contracovid/>> Acesso em: 04 jun. 2022.

¹⁰ PF confirma a existência do “gabinete do ódio” em relatório enviado ao STF; leia o documento. OLIVEIRA, C. **Brasil de Fato**, 11 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/02/11/pf-confirma-a-existencia-de-gabinete-do-odio-em-relatorio-enviado-ao-stf-leia-o-documento>> Acesso em: 05 jun. 2022.

¹¹ Bolsonaro e o “gabinete do ódio”: entenda as investigações da PF. **Estadão**, 11 fev. 2022. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-e-o-gabinete-do-odio-entenda-as-investigacoes-da-pf.70003976392>> Acesso em: 05 jun. 2022

é a produção de discursos embasados em uma lógica defeituosa, proferindo declarações absurdas disfarçadas com coerência retórica, mas sem qualquer fundamento da realidade.

Ao observarmos o esquema de fake News, nota-se a prevalência do impulsionamento de mentiras como ferramenta de manipulação em massa e deturpação da realidade. Por essa razão, no tecnopólio digital o negacionismo tem importância como mecanismo nocivo para toda sociedade civil, porque mantém o coletivo social alienado na esfera pública sem compreensão da sua própria realidade.

DESEDUCAÇÃO

Conforme explanamos anteriormente, está na história da humanidade a construção de inverdades difundidas como verdades, entretanto, com a expansão das redes sociais as inverdades tornaram-se mecanismos codificados em algoritmos como parte do monopólio tecnológico a fim da prevalência de interesses sobre outros.

À vista disso, as *fake news* são obras que rivalizam com todo processo educacional de alfabetização e escolarização, pois o ser social esclarecido (escolarizado e alfabetizado) tende a estranhar o contraditório, porém, o maior problema não está na escola, mas no processo de escolarização do sujeito em instituições precarizadas de ensino. Existe esforço docente, mas uma escola com menos aparato didático do que outras pode não suprir as lacunas que outras escolas conseguem preencher e isso notamos isso no cidadão adulto, o ser social em interação na sociedade que alienadamente reproduz inverdades contribuindo na deturpação da realidade social que vive.

As *fake news*, assim como o conceito de pós-verdade¹² tornaram potências no debate público, no campo acadêmico e principalmente nas mídias sociais. Na literatura científica as informações falsas são associadas com o conjunto fixo de elementos identificados a partir de um tipo ou estrutura de informações que são suscetíveis a modificações (sistema da pós-verdade). Fallis (2015) definiu que instâncias prototípicas são elaboradas com a função de enganar. São recursos de engano que buscam os principais hiatos e deficiências no processo de aprendizagem dos sujeitos como fórmula de preencher os vazios do ser social com releituras de fatos, causando o que Wardle & Derakshan (2017) chamaram de desordem da informação. Para os autores a desordem informacional é constituído por meio de três estruturas: a desinformação, a informação falsa e informação maliciosa.

¹² Comunicação que não usa a totalidade da fonte do fato, mas uma parte e ampliado como verdade absoluta por meio do apelo emocional do ser social, produzindo uma série de eventos distorcidos influenciando a opinião pública e comportamentos sociais.

A desinformação é a forma mais rápida de deseducar um sujeito, quebrando o elo do que foi aprendido ao injetar elementos desorientadores para o ser social. A informação falsa é parecida com a desinformação, mas sua organização origina-se da distorção de uma ideia ou fato, enquanto a informação maliciosa une as duas primeiras e tende a ter como objetivo a destruição de reputações e instituições. Estas três categorias não são originárias da deficiência escolar do ser social, mas das lacunas não preenchidas pelo processo de escolarização e da importância que o sujeito dá ao conteúdo aprendido.

São diversos fatores que podem desenvolver no indivíduo a convicção em informações falsas como verdades. Traumas, influências ideológicas, desinteresse por certos temas, dificuldade para compreender assuntos mais complexos entre outros elementos que formam o ser social alienado, bem como o ser social analfabeto funcional. É a soma de questões sociais, psíquicas, educacionais e políticas que podem contribuir para a composição do ser social que prefere acreditar no elemento falso para seu conforto.

Segundo o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT)¹³ uma notícia falsa tem 70% de probabilidade de ser mais difundida do que uma notícia verdadeira. Qualquer tipo de notícia falsa, simples ou complexa, tem poder de influenciar o sujeito ao erro. Em alguns casos, a notícia falsa está seguida por várias verdadeiras. São nessas situações que estão ocultos os riscos das *fake news*.

Em nível maior e mais destrutivo, no monopólio tecnológico do ser social incorpora-se também o conceito de *fake sciences*, que chamamos literalmente de *falsas ciências*. Significa uma ordem de produção de formatos e linguagens próprias do engano construído como texto científico e atribuídos a trabalhos de pesquisadores. Para Rietjens (2019) esta dissimulação e apropriação de signos de instituições epistêmicas não são estruturas simples de serem identificadas, pois escondem a real intenção de pesquisas extraindo pequenas partes de textos científicos de forma sensacionalista.

No caso das falsas ciências, não há manipulação de dados por meio de cientistas, as produções científicas para divulgação são analisadas por pares para checagem referencial e fidedignidade antes da publicação. Neste caso, os cientistas são reféns da monopolização da tecnologia sobre a vida do ser social, pois um artigo científico tem baixo poder de alcance comparado as mídias sociais como o *Twitter*, rede que é constantemente questionada pelo uso de *bots*¹⁴ para viralizar

¹³ As notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as verdadeiras e alcançam muito mais gente. **Correio Brasileiro**, 08 mar. 2018. Disponível em: https://www.correiobrasileiro.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia.664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml Acesso em: 20 mai. 2022.

¹⁴ Robôs digitais estruturados por algoritmos para impulsionarem publicações e comentarem ordenadamente nas redes sociais se passando por pessoais reais.

publicações, muitas delas impulsionando desinformações a favor de forças antidemocráticas ou anti-institucionais (JAMIESON, 2018; BOYD-BARRETT, 2019).

O perigo que adentrou no circuito científico tem grande potencial de difamação e destruição de agentes emancipadores do ser social na esfera pública, tais como docentes, cientistas, artistas, membros de movimentos sociais entre outros agentes sociais. No âmbito educacional, ao deslegitimarem professores e pesquisadores, percebemos um padrão de pessoas que não são técnicas em assuntos educacionais e científicos, mas são provocadas por polêmicas ideológicas que buscam culpabilizar em vez de debater causas e consequências dos problemas reais.

Essas pessoas abandonaram metanarrativas universalizantes e por meio do pensamento metafísico estão provocando novas disputas para conhecimentos alternativos, como as chamadas pseudociências (NOVAES, 2006). Uma crença “desorientadora”, que segundo Grenz (1997) não adere ao método científico válido, não apresenta provas e não tem estatuto científico. Isto é, outra força anticiência, que deseduca e aliena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tecnopólio parece não haver fim, o século XXI tende ser o século máximo das inovações tecnológicas que cercam a vida humana. Dizemos sobre este século em sua terceira década, pois a tendência é extração máxima da natureza pelo homem, causando o fim dos recursos naturais. Isto não é ficção, é fato que pode ser consultado nas principais plataformas científicas que socializam os estudos contínuos sobre a humanidade e seu lar, o planeta Terra. No entanto, o tecnopólio que advertimos é o que provoca situações-problemas globais de forma direta por meio dos grandes conglomerados internacionais ou indiretamente através do uso constante de altas tecnologias pelo ser social, este que interage e alienadamente reproduz pressupostos sem testes científicos.

Este tecnopólio parece que se moveu da ficção para a realidade quando a realidade inspirava a ficção científica. George Orwell (2003), em sua obra 1984 lançado no ano de 1949 entendeu isso muito antes de Mark Zuckerberg, Elon Musk, Bill Gates entre outros “tecnopolistas” nascerem. Orwell vislumbrou uma sociedade com grandes partidos e coordenado pelo Grande Irmão (Big Brother), sempre observando e instruindo homens e mulheres. Um deles, o personagem Winston Smith podemos chamar de nosso irmão, pois o sentimento na contemporaneidade é que todos são um pouco de Winston, vivendo nas redes sociais o que o Ministério da Verdade realizava na ficção, reescreve e altera dados de acordo com interesses de quem financia.

Por essa razão, abordamos nesse artigo duas categorias, uma máxima – o tecnopólio e outra mais discreta – a tecnociência. Para Postman (2014, p. 72) tecnopólio é um “sistema de defesa contra a informação [...] o tecnopólio é uma forma de Aids Cultural, usada como acrônimo para Síndrome de Deficiência Antiinformação”, enquanto a tecnociência para Silva Jr e Fargoni (2020) é a entrega da ciência e o trabalho de cientistas para o capitalismo tecnológico. Nesta perspectiva, a absorção da tecnociência pelo aparelho monopolista tecnológico pode criar o que Postman (2014) chamou de tecnocracia, uma sociedade de predominância cosmopolita e tecnológica.

Entre ficção e realidade, esta combinação é nociva fora da literatura fantástica. Existem vantagens com a tecnociência, mas em comparação com o tecnopólio parceiro do capitalismo radical, é mais rápido e rentável uma informação banal de um artista espalhar em segundos pelo planeta, em vez de um artigo científico que fornece dados relevantes sobre questões sociais e conjunturais. Por isso, o lembrete de Fargoni e Zacarias (2021) ao reflexionarem sobre a construção da ciência a partir da contribuição epistemológica de Gérard Fourez, expondo o trabalho de Alexandra Elbakyan pode ter pouco alcance, mas a obra da pesquisadora do Cazaquistão derrubou muitos muros do tecnopólio global, principalmente os muros virtuais (*paywalls*).

Não há evidências de um encontro entre Gérard Fourez com a programadora de computadores Alexandra Elbakyan, mas Fourez poderia ter discutido sobre a socialização do conhecimento e ética com a cazaque, não como crítico, mas, talvez, como companheiro de reconstrução ou de contestação da ciência, como indiretamente foi. Elbakyan criou o site *Sci-Hub*, plataforma popular entre acadêmicos. Seu sistema consiste em permitir desbloquear artigos e revistas científicas pagas, possibilitando o acesso de milhares de textos, principalmente para a comunidade científica. (FARGONI; ZACARIAS, 2021, p. 6).

Nesta conjuntura global de tecnopólio, uma comunidade pode ser arruinada em segundos. No entanto, de acordo com a Agência do Senado¹⁵, uma audiência realizada pela Comissão de Educação do Brasil em novembro de 2019 sobre o tema *fake news*, reuniu especialistas da educação e comunicação que chegaram à conclusão que a educação é a única forma de interromper o ciclo de disseminação de notícias falsas. De acordo com agência do senado, foi constatado por meio de uma pesquisa elaborada pelo instituto francês IPSOS, que 62% dos brasileiros acreditam em rumores e conteúdos falsos, tornando-os vulneráveis às informações e notícias falsas.

¹⁵ BRASIL. Agência Senado (ed.). Fake news se combate com educação, dizem especialistas em audiência na CE. **Agência Senado**. 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/11/27/fake-news-se-combate-com-educacao-dizem-especialistas-em-audiencia-na-ce>> Acesso em: 20 mai. 2022.

Uma reunião de políticos com especialistas parece ter discutido e chegado a uma conclusão óbvia, mas no circuito científico, periódicos, congressos e outros mecanismos de divulgação científica estudos são expostos e determinam a real e necessária atenção na formação humana do ser social, da escola ao ensino superior, sem precarização. Contudo, este último caso é arma política contra emancipação humana. A precarização do trabalho de docentes e pesquisadores, bem como a estrutura escolar e universitária vem sendo o fato lastimoso no Brasil no século XXI, acentuado após as eleições de 2018.

Mas isso é tema de outras discussões, é pertinente e relevante, a fim de que a precarização do trabalho e, por conseguinte, da vida humana não se torne mais um recurso avançado do monopólio tecnológico (como já é). Caso contrário, veremos outra invasão da ficção científica na realidade humana, não com androides e replicantes como em *Blade Runner*, mas vizinhos, entes queridos, colegas de trabalho entre outros pares reproduzindo o lema do Partido Burguês (Partido Externo) da obra de Orwell: “guerra é paz, liberdade é escravidão e ignorância é força”. Isto seria o verdadeiro *Black Mirror*¹⁶ brasileiro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **A teoria freudiana e o padrão de propaganda fascista**. Margem Esquerda – ensaios marxistas. Boitempo Editorial, n. 7, 2006.

AMARAL, A. J.; DIAS, F. V. Controle social e governo de dados. **Revista Katálysis**, v. 23, n. 03. pp. 409-418, 2020.

ARENDDT, H. **Verdade e política**. Lisboa: Relógio D'Agua, 1995.

BRASIL. Fake news se combate com educação, dizem especialistas em audiência na CE. **Agência Senado**. 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materia/s/2019/11/27/fake-news-se-combate-com-educacao-dizem-especialistas-em-audiencia-na-ce>> Acesso em: 20 mai. 2022.

BOYD-BARRETT, O. Fake news and ‘RussiaGate’ discourses: Propaganda in the post-truth era. **Journalism**, v. 20, n. 1, p. 87-91, 2019.

DIETHELM, P.; MCKEE, M. Denialism: what is it and how should scientists respond?, **European Journal of Public Health**, V. 19, pp. 2-4, Jan. 2009.

FALLIS, D. What is disinformation? **Library Trends**, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015.

¹⁶ Seriado de ficção científica na forma antológica que conta histórias de pessoas vivendo realidades monopolizadas pela alta tecnologia e as consequências nas relações sociais na sociedade civil.

FARGONI, E. H. E; SILVA JR, J. R. Tecnociência, industrialização e pesquisa na financeirização radical do capitalismo e da educação superior. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 45, n. 3, p. 569–581, 2020.

FARGONI, E. H. E.; ZACARIAS, M. A ciência na anticiência: notas epistemológicas em Bachelard, Fourez e Habermas. **Cadernos da Pedagogia**, v. 15, n. 32, p. 174-184, mai-ago, 2021.

FREUD, S. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&Pm Pocket, 2010.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População: Curso do Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GAULEJAC, V. **A gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2007.

GRENZ, S. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

JAMIESON, K. H. **Cyberwar: How Russian Hackers and Trolls Helped Elect a President**. New York: Oxford University Press, 2018.

LEMMONS, R. **Goebbels And Der Angriff**. Lexington: The University Press Of Kentucky, 1994.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, Livro 1, v.1, t.1. 1985.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução: Artur Morão. Lisboa; Portugal: Edições 70, 1989.

NETO, O. C. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. **Revista Antíteses**, v. 2, n. 4, pp. 1097-1123, dez. 2009.

NOVAES, A. M. A crise da ciência: pós-modernidade e a prática do jornalismo científico em Superinteressante. **Inovcom**, v. 1, n. 1, p. 02-11, 2006.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: IBEP, 2003.

PAGÈS, M. et. al. **O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos**. São Paulo: Atlas, 1993.

POSTMAN, N. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.



RIETJENS, S. Unraveling Disinformation: The Case of Malaysia Airlines Flight MH17. **The International Journal of Intelligence, Security, and Public Affairs**, v. 21, n. 3, p. 195-218, 2019.

SILVA JR, J. R.; FARGONI, E. H. E. Mundialização da educação superior: notas sobre economia, produção de conhecimento e impactos na sociedade civil. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 35–49, 2019.

SILVA JR, J. R.; FARGONI, E. H. E. Future-se: o ultimato na universidade estatal brasileira. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, 2020.

WARDLE, C.; DERAKSHAN, H. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Council of Europe. RM. Retrieved from, 2017.

Agradecimentos

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.